

5 de novembro de 1949

## RUY O POETA

A evolução do espírito brasileiro veio se processando rapidamente através de algumas gerações sucessivas. E em cada geração os homens sentiram em si mesmos a linha sinuosa dessa mudança fatal. Cada homem foi uma viagem através de todas as épocas e de todas as tendências. Cada espírito participou de certo modo de todos os estilos de vida que em certo sentido ficaram simultâneos, se confundiram muitas vezes, entraram em conflito, deram finalmente esse consenso equilibrado no tempo, que é a opinião de uma época. Os romancistas por exemplo, começavam escrevendo daquela maneira, como Oswald de Andrade em seu primeiro livro, para chegarem depois à depuração, à simplicidade dos últimos, na amostra de *Marco Zero*. A sempre lembrada Semana de Arte Moderna em São Paulo, marcou explicitamente uma fronteira. Mas isso não quer dizer que o passado se anule com a capacidade de suas forças: o que há é uma mistura de tudo para todos, tanto é verdade que gosto não se discute e que, bem analisadas as posições e os partidos, todos acabam tendo razão.

O velho Ruy continua um ídolo de muita gente boa, apesar da irreverência de algumas opiniões que viram nele apenas o rumor das palavras e a fragilidade do conteúdo. Esse intemperante do vocabulário, que costumava tomar bebedeiras de sinônimos a propósito dos temas mais avessos à retórica, foi, apesar de tudo, um dos nossos maiores espíritos, e só os prejuízos mentais da época em que viveu explicam, hoje, suas atitudes literárias, tão adequadas ao desagrado dos modernos, necessariamente facciosos como os componentes de todas as ondas revolucionárias.

Para termos a visão honesta dos homens, precisamos as lentes amplificadoras do momento histórico que os envolveu no círculo cego de suas verdades. O fim do império e o clima da primeira república, foram ricos em palavras, e ainda hoje não nos surpreende que um homem portador de todas as credenciais do conhecimento universitário, fale ou escreva sobre os mais graves assuntos sem perceber que está apenas fazendo literatura sem nenhuma correspondência com a realidade. Os problemas políticos de ontem, ofereciam aos observadores seus aspectos superficiais. Era perigoso e difícil aprofundá-los. Certas discussões parlamentares sobre o câmbio, não raro nos oferecem, nos velhos anais desse tempo, amostras de manifestações cautelosamente líricas...

Ruy foi grande, mas pertenceu a esse clima. Daí a atitude de alguns espíritos em face de sua presença. Isolada, porém, essa formidável capacidade de assimilação, de criação e de universalidade do pensamento, e colocado em nosso foco de observação já livre das contingências do seu momento na história da inteligência nacional, Ruy reassume a fascinação de sua lenda, e em nosso espírito o ímpeto do seu poder mental nos entremostra a riqueza dos caminhos que ele explorou, e dos que poderia ter explorado, que a todos se mostrava apto pela vigorosa multiplicidade de sua força. Através do jurista, do político, do jornalista, do pensador, do religioso, o que ele foi no íntimo de sua vocação oculta foi o escritor, melhor ainda: o poeta. Isto ele revela entre as esculturas de seus períodos, no ardor das imagens, no colorido imprevisto de certas pinceladas. Não explicitamente, como nesses primeiros ensaios de poemas que realizou como quase todas as juventudes, mas implicitamente na produção da idade madura, foi o poeta sem construir o poema isolado que se desprende da ganga como o diamante. Foi o poeta que ele mesmo deixou de ser, que seria frio e demorado, paciente e decantado, duradouro como um Valéry.

A tranqüila atmosfera dos clássicos, em cujo convívio ilustre consumiu os melhores momentos de sua vida, não conseguiu apagar nesse espírito a chama dos entusiasmos nativos. O verbo existia nele como a fatalidade de uma tendência pessoal, reflexo da tendência generalizada do meio, convergência das formas e das forças de um mundo ainda em criação que

modelaram esse milagre da cultura, tornando-o um grego dos trópicos. Entre os freios da experiência antiga que encontrava na simplicidade o principal elemento de sua força, e as solicitações de seu espírito tão profundamente brasileiro, por certo escaparia de vez em quando, entre as frinchas de sua estrutura intelectual, a mágica presença do poeta que ele deixou de ser. Sobre essa linfa meio oculta, como nas fontes que escapam murmurando dos flancos das montanhas, há um impalpável esplendor de arco-íris.